

# Crônica da Cidade

**SEVERINO FRANCISCO** | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

## Maria Lúcia Godoi

Uma das interpretações que me provoca mais enlevo é a de Maria Lúcia Godoy para a *Bachiana número 5*, de Villa-Lobos. Eu sinto como se fosse uma das expressões mais sublimes da brasilidade, tão legítima, inclusive, porque nasceu da música de Bach. As minhas evocações de Maria Lúcia Godoy estão ligadas a Glauber Rocha.

A primeira vez que eu a ouvi foi em cena antológica de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, mixada como trilha sonora. Corisco (Othon Bastos) e Maria, a mulher do vaqueiro (Yoná Magalhães) se encontram no meio da caatinga. Glauber pediu que a câmera girasse em torno dos dois em um beijo selvagem sob o fundo da Bachiana número 5 de Villa-Lobos com a voz de Maria Lúcia Godoy soando como uma música dos anjos no meio do descampado inóspito.

Em entrevista ao **Correio**, o cineasta Walter Lima Jr. contou que quem levou Villa-Lobos para *Deus e o Diabo na Terra do Sol* foi ele. Glauber queria Brahms. Quando Walter leu o roteiro, indo para Salvador, ficou chocado e disse: "Glauber, colocar Brahms no meio desta caatinga aqui? O que tem a ver?" O acervo de Villa-Lobos foi montado na Europa. Com Paulo Gil Soares, Walter foi até a Aliança Francesa, em Salvador, roubou os discos e deu para o Glauber ouvir. O cineasta baiano ficou em êxtase.

Mais recentemente, em 1981, no enterro de Glauber, Maria Lúcia Godoy entoa novamente de maneira sublime a *Bachiana número 5*, a fotógrafa Paula Gaitan, escorre uma chuva de pétalas sobre o caixão do cineasta. A voz de Maria Lúcia ganhou um acento trágico pelas circunstâncias, muito diferente do tom epifânico do beijo de Othon Basttos (Corisco) e Maria (Yoná Magalhães).

A outra referência liga Maria Lúcia Godoy a Brasília dos tempos pioneiros da construção. Todo final do dia, JK encerrava o expediente no Rio e vinha para Brasília de avião fiscalizar e dar estímulo aos engenheiros e operários que erguiam a capital modernista. O ritmo Brasília inaugurado por JK conseguia aliar, de maneira desconcertante, trabalho e diversão.

O exemplo vinha do chefe, nascido e criado em Diamantina, cidade de Minas célebre pelo espírito romântico. Como bom diamantinense, ele era um pé de valsa incorrigível, apreciava fazer serenata, tocar violão e ver a Lua. Quando passou a frequentar Brasília para acompanhar as obras de construção, o gosto pela música se irradiou por toda a cidade. E começou pelo Catetinho, com as serestas marcadas para as reuniões de trabalho.

Os saraus aconteceram de maneira espontânea, com a participação dos amigos de JK: Dilermando Reis, César Prates, Silvio Caldas, Altemar Dutra, Glória Maria. Com menos frequência, apareciam Elizete Cardoso, Francisco Petrônio e Maria Lúcia Godoy, que vinha com integrantes de um madrigal de Belo Horizonte.

Mas ela independe dessas relações com o cinema ou com os tempos pioneiros da capital. Maria Lúcia Godoy cantou do repertório erudito até as serestas. Ninguém interpretou como ela a música de Villa-Lobos. É algo de uma pungência de nos fazer chorar as tais lágrimas de esguicho de que falava Nelson Rodrigues. Quando ela morreu ,fiquei envergonhado de só conhecê-las por essas pequenas, mas tocantes e inesquecíveis referências. No entanto, estou ouvindo os discos que gravou essa mineira de Mesquita, evocada nesses versos de Carlos Drummond de Andrade." Lembrar as serras de Minas,/Demolidas, como dói!/Mas me consolo se escuto/Maria Lúcia Godoy./Foi-se o ferro de Itabira?/Ouro não se destrói!/Está na voz da mineira/ Maria Lúcia Godoy."

**LUTO/** Nascido no Rio Grande do Sul, mas com uma vida inteira em Brasília, o tenente-coronel da cavalaria do Exército Brasileiro é lembrado pelo carinho e empenho que tinha com a família e os amigos

# Morre, aos 45 anos, o militar Luiz Andre Minuzzi

» LUIZ FELLIPE ALVES

O tenente-coronel da cavalaria do Exército Brasileiro Luiz Andre Barbosa Minuzzi morreu na noite de quinta-feira, aos 45 anos, em Foz do Iguaçu (PR). A despedida em Brasília será hoje, com velório às 13h30 e sepultamento às 16h, na capela 05 do cemitério Campo da Esperança, da Asa Sul. Até o fechamento desta edição, não havia a confirmação da causa da morte.

Luiz Andre nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Seguiu os passos do pai e se alistou no Exército aos 17 anos. O cunhado de Andre, Leonardo Moisés, comentou sobre o início da carreira. "Ele optou pela cavalaria por ser apaixonado por cavalos e pelo serviço militar."

Além de militar, ele era formado em direito. Segundo o cunhado, Andre estava se preparando para exercer a profissão após aposentar-se. "Ele tinha muitos planos para a advocacia depois de ir para a reserva. Estava estudando e fazendo mestrado na FGV para complementar o ensino", acrescentou.

Muito emocionado, Leonardo comentou que o cunhado era uma pessoa amorosa e fazia amigos por onde passava. "Ele era um grande amigo, um grande cunhado e sempre estava disposto a ajudar quando precisávamos dele. Era um grande homem", disse.

Luiz Andre deixa dois filhos e a esposa, Carine. Familiares e amigos destacaram que o militar era um ótimo pai e uma pessoa muito ligada à família. A irmã de Luiz, Flávia Munizzi Moisés, de 50 anos, reforçou o perfil familiar do irmão. "Conforme a gente foi crescendo, fomos ficando mais próximos. Ele sempre me protegia e eu cuidava dele também. Éramos muito ferozes em relação a isso. Eu não permitia que ninguém falasse mal dele", contou.

Flávia lembrou que uma das prioridades do irmão era cuidar dos pais. "Nosso pai está passando por uma situação delicada de saúde e ele sempre estava em cima, cuidando dos nosso pais, ligando para combinar as visitas no hospital", disse.

Para Flávia, perder o único irmão vai deixar um buraco muito difícil de fechar. "Ele é o melhor irmão do mundo. Vai ser muito difícil lidar com a falta que ele já está fazendo", afirmou emocionada.

### Amigos

Eduardo Soeiro, amigo de longa data, avalia que a partida de Andre representa o rompimento de um laço familiar. "A sensação era que nossas famílias se completavam". E recordou momentos marcantes da amizade. "Eu aprendi muita coisa com ele, mesmo sendo mais velho. O jeito que ele tratava a família, o amor que ele tinha, eu incorporei para mim. Ele me ensinou muito", revelou.

Emocionado, o amigo disse que os dois compartilhavam interesses e que sempre estavam juntos confraternizando. "Eu sou apaixonado por gastronomia e ele era fanático por tecno. Eu ía para a casa dele para cozinhar para as nossas famílias enquanto trocávamos ideias sobre esses assuntos", relatou. "Era um baita pai, um baita amigo. Não há ninguém que tenha algo de ruim para falar dele", detalhou o amigo.

Com o passar do tempo, a amizade evoluiu. As taças de vinho deram espaço para os halteres da academia. "Depois que a gente resolveu mudar um pouco de vida, depois de velho, com a questão do treino, a gente também compartilhava esses assuntos", relatou. O amigo também contou que poderia passar o tempo que fosse longe de Andre, que a ligação iria continuar a mesma.

Tomado pela emoção de perder um "irmão", Eduardo chegou a sentir um mal-estar. "Eu fui ao pronto-socorro de tanta dor no peito. Quando relatei ao médico, ele entendeu o que estava acontecendo e me deu um calmante. A sensação é de que eu estava perdendo um irmão mesmo", declarou.

Rodrigo Dupont, irmão da viúva, conheceu o cunhado em 2004. "Na minha festa de aniversário de 17 anos, minha irmã avisou que ia trazer o namorado para nos conhecer e que ele estava levando um presente. Mas quando ele chegou, não tinha levado nada e eu pensei 'cadê o meu presente?'", lembrou

Um ano depois, o presente apareceu com a confirmação de que Andre era a pessoa ideal para a irmã de Dupont. "No ano seguinte, ele me entregou uma vodka que ele tinha comprado para o meu aniversário. Ele é tão certinho, tão consciente, que não me deu quando eu fiz 17 para respeitar minha idade", comentou.

Ainda no aniversário, a família o recepcionou com muita alegria. "Ele é muito alto. Brincamos muito com ele sobre isso. Nos abraçamos muito", disse Dupont. A relação de Andre com a família da esposa sempre foi de muita amizade e amor. "Ele e meu pai sempre almoçaram juntos. Teremos que ter muita força para suprir a saudade que esse baita cara vai deixar", acrescentou.

Material cedido ao Correio



**Luiz André será velado no cemitério Campo da Esperança na Asa Sul**

» Entrevista | **LUIZ ANTÔNIO SIMAS** | HISTORIADOR

# A cultura popular dos botequins

» MARIANA REGINATO

*No* Podcast do **Correio** *de ontem, o convidado Luiz Antônio Simas foi entrevistado pelos jornalistas Nahima Maciel e Roberto Fonseca. O historiador, pesquisador e escritor lançou o livro Tantas Marias: Nossa Senhora na cultura popular, no Buteco do Encontro, na 206 Norte. Luiz Antônio Simas discute em entrevista o conceito de brasilidade, apontando que a cultura popular, manifestada em botequins, festas, sambas e religiosidades, funciona como uma resistência contra as mazelas sociais e a exclusão histórica do país. Luiz também compartilhou um pouco sobre o lançamento do livro Tantas Marias, que explora a figura de Nossa Senhora na cultura popular brasileira.*

**Segundo pesquisa, 82% dos brasileiros concordam que a cerveja ajuda a compartilhar momentos. O que hoje a universidade ainda não sabe sobre os botecos brasileiros que ajudaram a formar a nossa identidade?**

A cultura de botequim começa a se disseminar na virada do século 19 para o século 20, a princípio no Rio de Janeiro, mas se espalha pelo país. O botequim é oriundo das antigas boticas portuguesas. A hipótese mais provável para o nome "botequim" é o diminutivo de botica (butiquinha), que deu origem aos botequins. Foi um espaço de construção de sociabilidade urbana da classe trabalhadora. Isso tem tudo a ver com a história de um país — sobretudo na República — que não teve um projeto de inclusão formal no exercício da cidadania. A cidadania formal não fez parte do ideário republicano. O Brasil é um país projetado dentro de uma lógica de exclusão. Você vai construindo suas relações, sociabilidades e instâncias comunitárias de vida a partir da rua, e o botequim faz parte desse processo. Eu costumo definir o botequim como uma espécie de Ágora brasileira. A Ágora ateniense era o espaço de construção de cidadania e pertencimento, onde se debatia a cidade, a política e o cotidiano. O botequim é uma Ágora. Quando trabalhamos com história ou na academia, essa construção de sociabilidades urbanas fala muito sobre o Brasil — não só sobre o que ele tem de bom, mas também sobre suas mazelas. Tem gente com amizades sólidas de bar que nunca frequentou a casa do outro. Tenho amigos íntimos que nem sei onde moram, mas sei qual botequim frequenta. A cultura cervejeira e do balcão faz parte dessa construção de sociabilidade.

**Queria que você falasse um pouco do livro *Tantas Marias* e de como Nossa Senhora aparece no meio da cultura popular, manifestações e festas brasileiras.**

É curioso: estamos falando de cerveja e sociabilidade, e eu tenho livros sobre cerveja, botequim, futebol, carnaval, São Jorge, Macumba e agora estou lançando um sobre Nossa Senhora na cultura popular. Desde garoto tenho o hábito de, quando acho que estou dominando um tema, buscar algo completamente distinto. Mas há outro detalhe: diante de um país excludente, concentrador de renda e aniquilador de corpos e saberes não brancos, o meu estudo foca no contraponto. Como, diante de um projeto de horror e morte, construímos sentidos de beleza e vida? Aí entram o bar, o futebol, o carnaval, a cerveja e a Maria. A Maria que estudo nesse livro não é a dos Evangelhos (embora fale deles) nem a dos altares, mas a Maria da cultura popular: a Maria presente no Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, a quem João Grilo recorre para se livrar do inferno. A Maria das escolas de samba, padroeira da Portela (Nossa Senhora da Conceição). A Maria do futebol: a camisa azul da Seleção Brasileira na Copa de 58 virou "manto sagrado" por causa da cor do manto de Nossa Senhora Aparecida. A Maria da roda de samba, com Jorge Aragão solando a Ave Maria de Gounod. A Maria dos terreiros: no Rio, Seu Sete da Lira, um Exu importantíssimo para a Umbanda, se dizia devoto da Virgem Maria e afirmava ser católico. É um estudo sobre a Maria do povo e a cultura popular brasileira, que tem Nossa Senhora como referência.

**O que faz o brasileiro ser brasileiro? Símbolos como o futebol definem nossa identidade?**

Acho complicado singularizar a identidade. Quando fui a Luanda, em Angola, me senti em casa de formas que não me senti em certos lugares do Brasil, pois a cultura carioca é estruturada a partir dos povos Bantu. O Brasil não tem identidade fixa. Nossa única construção bacana é pela alteridade e pluralidade. Não podemos querer que o Pará ou Macapá sigam o modelo do Rio ou de São Paulo. Em Brasília, por exemplo, a identidade é a própria pluralidade de acolher gente de todos os cantos. O carnaval e o futebol são construções de identidade, mas plurais. O carnaval do Rio é diferente do da Bahia, de Minas ou do Rio Grande do Sul. Brasília hoje reconstrói seu carnaval de rua com fanfarras. Na filosofia Bantu de encruzilhada, diz-se que um mais um é igual a quatro: você, a outra pessoa, você alterado por ela e ela alterada por você. Essa pluralidade me fascina no bar, no futebol e nas escolas de samba, e não podemos perdê-la.

**Confira a entrevista completa com Luiz Antônio Simas**



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

## Obituário | Sepultamentos realizados em 13 de novembro de 2026

**» Campo da Esperança**
Antônia Martins de Moura, 80 anos
Carlos Alberto Gomes de Freitas, 85 anos
Célia Maria Silva, 76 anos
Irani José de Almeida, 65 anos
Jean Claude Armand André Songy, 82 anos
José de Oliva Brandão, 89 anos
José do Nascimento, 86 anos
Maria Helena Miguéis Silva, 89 anos
Maria José Cordeiro, 77 anos
Maria José Costa de Oliveira, 85 anos
Milvan Dias de Sousa, 70 anos
Paulo de Tarso Braz Lucas, 70 anos
Levi José Correia de Carvalho, 88 anos
Sophia Victoria Blake, 14 anos
Valdomiro Nunes da Silva, 99 anos
Vanusa da Conceição de Melo Rebouços, 45 anos

**» Taguatinga**
Antônia Luiza de Jesus, 73 anos
Antônio Marcus Veras Gil, 54 anos
Camila Mendes Rodrigues, 35 anos
Emerson de Morais Brito, 65 anos
Jonas Costa Coelho, 64 anos
Maria do Socorro Costa Coelho, 82 anos
Maria Lis Fernandes do Nascimento, menos de 1 ano
Natividade Barbosa dos Santos, 81 anos
Odete Martins da Costa Monteiro, 81 anos
Regina Ribeiro da Silva, 50 anos
Thalisson Victor Silva Ferreira, 23 anos
Vânia Kelly Alves Rodrigues, 47 anos

**» Gama**
Alessandro dos Anjos Oliveira, 50 anos
Maria Aparecida Laurinda Trindade, 94 anos
Pedro José de Souza, 95 anos

**» Planaltina**
Francisco das Chagas Sabino, 58 anos
Wellington Barbosa Conceição, 34 anos

**» Jardim Metropolitano**
Margarida Irias de Siqueira, 91 anos
Tarcísio Antônio Fontana, 68 anos
William Lavôr Pinheiro, 88 anos (cremação)
Alfredo José Borges de Sousa, 60 anos (cremação)